

Observa-se uma acentuada diferença no número de dias necessários à germinação de sementes de uma mesma espécie, variando de uma introdução para a outra. Uma série de fatores representados por sementes recém-colhidas ou não, desidratadas, pré-germinadas (principalmente quando enviadas por outras instituições), uso de embalagens impróprias por longo período, podem ter ocasionado essas alterações.

Essas diferenças quanto ao número de dias necessários à germinação de sementes de uma mesma espécie também foram anotadas por LOOMIS (1958) e KOEBERNIK (1971).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASU, Q.K. & MUKHERJEE, D.P. Notes on culture studies on germination of palm seeds. *Principes*, **16**(4):136-137, 1972.
- CARROL, D.L. News of the Society. *Principes*, **13**(3):109, 1969.
- JORDAN, C.B. A study of germination on use in twelve palms of northeastern Pern. *Principes*, **14**(1):26-32, 1970.
- KOEBERNIK, H.F. Germination of palm seed. *Principes*, **15**(4):134-137, 1971.
- LOOMIS, H.F. The preparation and germination of palm seeds. *Principes*, **2**(3):98-102, 1958.
- WAGNER, R.I. Raising ornamental palms. *Principes*, **26**(2):86-101, 1982.

★ ★ ★ ★ ★

ORIGEM E DOMESTICAÇÃO DA SERINGUEIRA

Paulo de S. GONÇALVES ⁽¹⁾
Mário CARDOSO ⁽²⁾

1. INTRODUÇÃO

A domesticação de plantas, em geral, envolve fatores carentes de informações diretas. Muitas de nossas plantas mais úteis tiveram origem há muito tempo, ignorando-se diversas vezes sua origem geográfica exata ou as plantas que as originaram.

⁽¹⁾ Pesquisador da EMBRAPA comissionado na Seção de Plantas Tropicais, Instituto Agrônômico (IAC), Cx. Postal 28, 13001 Campinas, SP.

⁽²⁾ Seção de Plantas Tropicais (IAC).

Nos últimos anos, evidências têm sido mostradas nesse sentido através de prospecções, citologia, sistemática e arqueologia. Informações, considerando a origem das plantas domesticadas, estão além do interesse acadêmico, pela sua importância no melhoramento de plantas.

A seringueira, ao contrário da maioria das plantas cultivadas, é uma planta que está sendo domesticada num mundo moderno em razão de ser uma das maiores fontes produtoras de borracha vegetal. Sua história é tão curta que quase não mudou seu aspecto de árvore nativa encontrada na Amazônia.

Sua grande importância decorre da influência que a borracha veio a exercer sobre a civilização, chegando mesmo a caracterizar uma época denominada de "ciclo da borracha", cujo início data de logo após o descobrimento da América.

O látex produzido pela árvore é uma suspensão aquosa contendo de 30 a 40% de sólidos em forma de partículas de borracha visíveis somente em ultramicroscópio. Única entre os produtos naturais, a borracha natural combina elasticidade, plasticidade, resistência ao desgaste (fricção), propriedades de isolamento elétrico e impermeabilidade para líquidos e gases. Seu valor econômico tem exercido uma influência profunda na civilização moderna.

Considerando o exposto, a presente revisão pretende mostrar aspectos da variabilidade natural encontrada no centro de diversidades do gênero, bem como as etapas de sua domesticação após sua introdução no Sudeste Asiático.

2. A DESCOBERTA DA HEVEA

Segundo POLHAMUS (1962), não se sabe exatamente quando a borracha foi descoberta. Os primeiros registros literários sobre o assunto datam da viagem de Cristóvão Colombo à América, quando seu uso já parecia bastante difundido entre os nativos do continente. Os artefatos de borracha encontrados pelos primeiros visitantes do novo continente levam a crer, contudo, que seu uso deve preceder a séculos.

Antonio de Herrera, historiador da Espanha Imperial de Carlos V, relatou que Colombo, no curso de sua viagem, observou nativos do Haiti brincando com bolas feitas de borracha de algumas árvores (WILSON, 1943). Cronistas espanhóis referiram-se a ela em 1525 (Pietro d'Anghiera) e em 1529 (Sahagur: "História Geral dos produtos da nova Espanha") ao descrever particularidades dos grupos indígenas do México (REIS, 1953). Na Amazônia, ela foi mencionada pelo jesuíta Samuel Fritz e pelo frei carmelita Manoel de Esperança, entre os índios Camibebas ou Omáguas (WISNIEWSKI, 1978).

Em 1776, Charles Marie de La Condamine, cientista francês que realizava estudos geodésicos na América Meridional, em carta de 24 de junho à Academia de Ciências de Paris, acompanhada de amostras de borracha, falou de

